CARTAS

Na qualidade de responsável pela operação de uma das maiores empresas de sementes de hortaliças presentes no mercado brasileiro, quero parabenizá-los pela excelente análise feita sobre a vocação agrícola do Rio de Janeiro, assinada pelo economista Tito Ryff, na edição de julho da revista *Agroanalysis*. Aproveitando a oportunidade, gostaria de manifestar, também, minha opinião sobre as circunstâncias em que se desenvolve a produção de hortaliças neste estado.

Por força de minha atividade profissional, tenho visitado com certa freqüência a região serrana do Rio, mais precisamente Nova Friburgo e Teresópolis, onde se localiza uma das mais importantes áreas produtoras de variadas espécies hortícolas do Brasil. Em que pese o relevo impróprio para uma agricultura mecanizada e as péssimas condições do eixo rodoviário Friburgo/Teresópolis e das estradas vicinais da região, o horticultor fluminense tem sido um exemplo de profissional dedicado e eficiente. Muito mais eficiente do que se poderia considerar, pois não tem recebido aquilo que lhe é o mais importante: a assistência técnica. É impressionante como tal deficiência é tão claramente sentida por nossos agricultores. Não cabe aqui analisar quem deveria assumir este papel primordial, mas com toda a certeza, enquanto perdurar tal situação, a horticultura fluminense não vai ter o progresso que todos desejamos.

Como empresa fornecedora de insumos, estamos prestando nossa colaboração, por meio de palestras técnicas e dias de campo, trazendo ao meio rural o que existe de mais avançado na produção de hortaliças; entretanto, a falta de uma estrutura que dê acompanhamento à utilização desta moderna tecnologia anula os efeitos de nosso trabalho.

Sendo engenheiro-agrônomo e natural do Rio de Janeiro, este estado de coisas causa-me grande frustração, pois afinal temos uma concentração altíssima de produtores em uma área relativamente pequena e uma grande vontade da comunidade de progredir. Está tudo pronto para uma grande mudança, falta apenas vontade política de nossos governantes para fazer isto acontecer.

Martinho Alencar
Gerente geral da Asgrow do Brasil Sementes Ltda.
Campinas, SP

As cartas dos leitores devem ser dirigidas à *Agroanalysis*, Praia de Botafogo, 190, sala 813 — Rio de Janeiro — CEP 22253-900 ou pelo fax (021)536-9207.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS

Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian M. Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Guilherme Soria Bastos Filho (cacau, açúcar, algodão), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Gerente Comercial:
Carlos Henrique Tibiriçá Miranda

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Rubens de Mello Nogueira Abdelhay (índice FGV/Abag), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico), Jurandi Soares Machado.

Copidesque:
Lauda Editoração e Comunicação Ltda.

Técnicos em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares, Renê Bertin.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha
Editoria de arte: Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.

Comercialização: Juarez Nery de Souza, Valéria Oliveira Santiago.
Vendas de assinatura: José Milton Gondim.
Vendas avulsas: Edna Kumakola
Publicidade:

Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 — Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 — Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.

Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105

São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.

Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes
Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Vogais: Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira, Roberto de Oliveira Campos.
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, Gilberto Dupas, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou
Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal
Vogais: Antonio Monteiro de Castro Filho, Armando Klabin, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Credit Commercial de France S.A., Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grêllo, Edmundo Barbosa da Silva, Gilberto Ulhôa Canto, Gustavo de Sá e Silva (Estado de São Paulo), Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Roberto Paulo Cezar de Andrade (Brascan Brasil S.A.), Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.
Suplentes: Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Jorge Paulo Lemann (Banco de Investimentos Garantia S.A.), Lineu de Paula Machado (Banco Boavista S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco da Bahia Investimentos S.A.), Roberto Duailibi (DPZ Propaganda S.A.), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Conselho Consultivo

Abgar Renault, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Gilberto Duarte Prado, Roberto Borges Martins (Estado de Minas Gerais) e Rubens D'Almada Horta Pôrto.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão
Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva
Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes
Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa
Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira
Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota
Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira
Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 **Entrevista com Fábio Di Giorgi**

5 **Cartas**

7 **Especial**

- 7 **As 100 maiores do Agribusiness**

  José Francisco Filho

- 15 **As 100 maiores Classificação: ordinal, ativo total, receita operacional líquida, patrimônio líquido, setorial, alfabética.**

35 **Especial**

- 35 **Iso 14000: o meio ambiente no cotidiano da empresa**

  Tito Ryff

39 **Conjuntura do agribusiness:**

- 39 **Importações acumulam estoques em mãos do governo**
- 41 **Cana-de-açúcar**
- 45 **Carne bovina**
- 49 **Tomate industrial**
- 52 **Suco de laranja**
- 57 **Soja**
- 58 **Fao**

60 **Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995**

62 **Oferta e demanda**

64 **Estatísticas agropecuárias**

72 **Legislação agrícola**

74 **Panorama internacional**

76 **Panorama agropecuário**

80 **Janela aberta**

Carta verde

Feliz ano velho

Esta edição de *Agroanalysis* divulga, pelo segundo ano consecutivo, o *ranking* das 100 Maiores Empresas do agribusiness brasileiro. Trata-se de um trabalho pioneiro no Brasil. Procura mensurar e ordenar o desempenho econômico-financeiro das empresas do agribusiness, ou seja, das empresas agrícolas, e daquelas integrantes dos segmentos que fornecem insumos à agropecuária ou processam matéria-prima de origem agrícola.

A mesma metodologia de análise foi aplicada para obter o *ranking* das maiores cooperativas brasileiras, levantamento que também integra esta edição.

Esses dois estudos permitem constatar que o agribusiness brasileiro ia muito bem em 1994. Os prejuízos praticamente desaparecem dos balanços. Em 1994, apenas oito empresas obtiveram resultado negativo. E mais: a rentabilidade média das 100 Maiores em 1994 ficou em 13%, contra 0,3% em 1993. As empresas do agribusiness faturaram mais em 1994, e investiram mais. A receita operacional líquida alcançou R$23,1 bilhões, frente aos R$17,7 bilhões de 1993. O total dos ativos saltou de R$36,5 bilhões para R$43 bilhões, em 1994, com um crescimento real de 16%.

Em 1995, esse cenário estimulante, com certeza, não terá sido preservado. Vários fatores combinados são responsáveis pelo fraco desempenho que o agribusiness vem obtendo no ano em curso. Só para avivar a memória, vale citar alguns deles: a valorização do real ante as moedas de curso internacional, o que prejudica as exportações e empresta falsa competitividade aos produtos importados; o rebaixamento generalizado das tarifas de importação; a passividade do governo em relação às importações de produtos subsidiados na origem, as taxas de juros elevadas, as quais inviabilizam a estocagem; e a eclosão da dívida da agricultura.

Todos esses fatores articulados fizeram com que a atividade agropecuária, base do agribusiness, sofresse uma quase paralisia. A demanda da agricultura por insumos teve queda inédita. Levantamentos indicam que, até junho, as vendas de calcário foram 50% menores do que no mesmo período do ano anterior e as de sementes, 20% menores.

Em relação ao plantio da próxima safra, até os primeiros dias de outubro, não existiam números consolidados. A intenção do produtor é manter a mesma área plantada do ano passado, até porque, para reverter a crise, só produzindo. Mas essa intenção não se mostrará viável no Centro-Oeste e no Rio Grande do Sul, regiões em que se concentra boa parte da dívida agrícola.

É certo, portanto, que a área plantada sofrerá algum decréscimo em comparação com a de 1994/95. Mais preocupante, porém, é a perspectiva de redução da produtividade. O produtor economizará tudo o que puder em termos de insumos agrícolas. Alguns produtores mais tecnificados têm providenciado análise de solo, como forma de aplicar fertilizantes e corretivos na medida estrita das necessidades da terra. A grande maioria, porém, economizará até mesmo a análise do solo. E seja o que São Pedro quiser.

E é justamente esse o grande risco a que nos expomos. Se as condições climáticas não forem favoráveis, os prejuízos podem superar as expectativas.

As autoridades governamentais têm consciência do risco. Fiam-se, porém, na possibilidade da importação e na existência de estoques oficiais abundantes. A esse respeito vale lembrar que *Agroanalysis*, já há alguns meses, vem apontando que os estoques internacionais de grãos sofreram reversão e apresentam hoje tendência clara à redução continuada.

Quanto aos estoques oficiais, é certo que o governo possui cerca de 20 milhões de toneladas (50% em EGF), com forte predominância de milho e de arroz. Ao menos a parcela já transformada em AGF (cerca de 10 milhões de toneladas) pode ser mobilizada a qualquer tempo. Porém, é bom lembrar as dificuldades logísticas que envolvem a distribuição de quantidades mais elevadas. Os preços sobem com muito mais agilidade.